

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora  
instagram.com/marcador\_editora

© 2017

Direitos reservados para Marcador Editora,  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

The Crown © 2016 by Kiera Cass

Edição portuguesa publicada por acordo com The Laura Dail Literary Agency and  
International Editors' Co.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem  
permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incluídas em artigos críticos e resenhas

Título original: *The Crown*

Título: *A Coroa*

Autora: Kiera Cass

Tradução: Alexandra Cardoso

Revisão: Carlos Jesus/Editorial Presença

Paginação: Maria João Gomes

Arte de capa original: Gustavo Marx/MergeLeft Reps, Inc.

*Design* de capa original: Erin Fitzsimmons

Arranjo de capa: Duarte Lázaro/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal 433 044/17

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, novembro, 2017

## Capítulo 1

– **L**amento imenso – disse eu, preparando-me para a inevitável reação. Quando comecei a minha Seleção imaginei-a a terminar assim, com dezenas dos meus candidatos a irem embora ao mesmo tempo, muitos deles nada preparados para o facto de o seu momento sob os holofotes ter chegado ao fim. Mas depois das últimas semanas, depois de descobrir quão gentis, inteligentes e generosos muitos deles eram, a eliminação coletiva deixava-me quase de coração partido.

Eles tinham sido justos comigo e agora eu tinha de ser muito injusta com eles.

– Eu sei que é repentino, mas, dada a condição precária da minha mãe, o meu pai pediu-me para assumir mais responsabilidades e acho que o único modo de lidar com isso é reduzindo a competição.

– Como está a rainha? – perguntou o Ivan, engolindo em seco. Suspirei.

– Ela parece... parece estar muito mal.

O meu pai hesitara em deixar-me visitá-la, mas eu tinha-o finalmente vencido. Compreendi a relutância dele assim que a vi, a dormir, com o batimento cardíaco a marcar o tempo no monitor. Tinha acabado de sair de uma cirurgia, na qual os médicos tiveram

de lhe tirar uma veia da perna para substituir a do peito que trabalhara até se esgotar.

Um dos médicos disse que a tinham perdido por um instante, mas que tinham conseguido trazê-la de volta. Sentei-me ao lado dela, segurando-lhe na mão. Ainda que parecesse uma tolice, encurvei-me na cadeira, certa de que isso faria com que ela acordasse e corrigisse a minha postura. Não aconteceu.

– Mas está viva. E o meu pai... ele está...

O Raoul colocou uma mão reconfortante no meu ombro.

– Está tudo bem, Vossa Alteza. Nós compreendemos.

Deixei o meu olhar sobrevoar o espaço, pousando por um instante em cada um dos meus pretendentes, enquanto memorizava os seus rostos.

– Só para saberem, vocês aterrorizavam-me – confessei. Houve algumas risadinhas em redor da sala. – Muito obrigada por aproveitarem esta oportunidade e por serem tão amáveis comigo.

Um guarda entrou, aclarando a garganta para anunciar a sua presença.

– Perdão, minha senhora. Está quase na hora da transmissão. A equipa queria verificar, hum – ele fez um gesto hesitante com a mão –, o cabelo e essas coisas.

Assenti com a cabeça.

– Obrigada. Estarei pronta num instante.

Ele saiu e eu voltei a minha atenção para os rapazes.

– Espero que me desculpem por este adeus coletivo. Desejo-vos a todos a melhor das sortes no futuro.

Houve um coro de despedidas murmuradas à medida que saíam. Assim que me encontrei do lado de fora do Salão dos Homens, respirei fundo e preparei-me para o que estava para vir. És a Eadlyn Schreave e ninguém – literalmente, ninguém – é tão poderoso como tu.

O palácio estava assustadoramente silencioso sem a minha mãe e as suas damas de companhia, a correrem de um lado para o outro, e sem o riso do Ahren a preencher os corredores. Não há nada que

nos faça ter mais consciência da presença de uma pessoa do que a sua perda.

Mantive-me de cabeça erguida enquanto me dirigia ao estúdio.

– Vossa Alteza. – Várias pessoas cumprimentaram-me quando entrei, fazendo vénias e afastando-se do meu caminho, mas evitando sempre o meu olhar. Não consegui perceber se era por simpatia ou se por já saberem.

– Oh – disse eu ao ver-me ao espelho. – A minha pele está um pouco brilhante. Podia...?

– Claro, Vossa Alteza. – Uma rapariga retocou habilmente a minha pele, cobrindo-me com pó.

Endireitei a gola alta de renda do meu vestido. Quando me vestira de manhã, o preto parecera-me apropriado, considerando o estado de espírito geral do palácio, mas agora tinha dúvidas.

– Pareço demasiado séria – preocupei-me em voz alta. – Não um sério respeitável, mas um sério preocupado. Está tudo mal.

– Está linda, minha senhora. – A rapariga da maquilhagem reavivou a cor dos meus lábios. – Parece a sua mãe.

– Não, não pareço – lamentei. – Não tenho nada do cabelo dela, da pele ou dos olhos.

– Não foi isso o que quis dizer. – A rapariga, calorosa e redonda, com tufos de caracóis a cair sobre a testa, colocou-se ao meu lado e olhou para o meu reflexo. – Veja – disse, apontando para os meus olhos. – Não são da mesma cor, mas têm a mesma determinação. E os seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que é parecida com a sua avó, mas é filha da sua mãe em todos os pormenores.

Fitei o meu reflexo. Quase podia ver o que ela queria dizer. Neste momento extremamente isolado, senti-me um pouco menos sozinha.

– Obrigada. Isso significa imenso para mim.

– Estamos todos a rezar por ela, minha senhora. É rija.

Soltei uma gargalhadinha, apesar do meu humor.

– É mesmo.

– Dois minutos! – indicou o diretor de cena. Aproximei-me do cenário atapetado, alisando o meu vestido e o cabelo. O estúdio

estava mais frio do que o habitual, mesmo sob as luzes, e senti arrepios na pele enquanto ocupava o meu lugar atrás do palanque solitário.

O Gavril, com uma roupa ligeiramente mais informal, mas ainda bastante elegante, sorriu-me com simpatia enquanto se aproximava.

– Tem a certeza de que quer fazer isto? Terei todo o gosto em dar as notícias por si.

– Obrigada, mas acho que tenho de ser eu a fazê-lo.

– Muito bem. Como é que a sua mãe está?

– Estava bem, há cerca de uma hora. Os médicos estão a mantê-la a dormir para poder recuperar, mas parece tão maltratada. – Fechei os olhos por um momento, acalmando-me. – Desculpe. Isto deixou-me um pouco sensível. Mas, pelo menos, estou a aguentar-me melhor do que o meu pai.

Ele abanou a cabeça.

– Não consigo imaginar ninguém a reagir pior do que ele. Todo o seu mundo gira em torno dela, desde que se conheceram.

Lembrei-me da noite anterior, do mural de fotos no quarto deles, e pensei em todos os pormenores, que só recentemente me tinham contado, sobre como tinham ficado juntos. Ainda não conseguia ver nenhum sentido em lutarmos contra inúmeros obstáculos por amor, apenas para acabarmos tão impotentes no final.

– O senhor esteve lá, Gavril. Viu a Seleção deles. – Engoli em seco, ainda insegura. – Funciona mesmo? Como?

Ele encolheu os ombros.

– A sua é a terceira que acompanho e não lhe sei dizer como funciona, como é que um sorteio pode trazer uma alma gémea. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa: o seu avô não era exatamente um homem que eu admirasse, mas tratava a sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante neste planeta. Onde era severo com os outros, era generoso com ela. A rainha teve o melhor dele, coisa que não posso dizer sobre... Bem, ele encontrou a mulher certa.

Semicerrei os olhos, curiosa sobre o que ele estaria a omitir. Sabia que o meu avô tinha sido um rei muito rígido, mas, pensando

nisso, esse era o único aspeto dele que conhecia. O meu pai não falava muito sobre ele como marido ou pai e eu sempre tivera muito mais interesse em ouvir falar da minha avó.

– E o seu pai? Não creio que ele soubesse o que estava à procura. E, honestamente, acho que a sua mãe também não. Mas ela era a pessoa perfeita para ele em todos os aspetos. Todos os que os rodeavam conseguiam vê-lo, muito antes de eles o perceberem.

– A sério? – perguntei. – Eles não sabiam?

Ele fez uma careta.

– Sinceramente, era mais a sua mãe que não sabia. – Ele lançou-me um olhar acusador. – Um traço de família, parece.

– Gavril, o senhor é uma das poucas pessoas a quem posso confessar isto. Não é que eu não saiba o que procuro. Não estava era pronta para procurar.

– Ah. Tinha-me questionado sobre isso.

– Mas agora estou aqui.

– E sozinha, receio. Se decidir continuar com isto, e depois de ontem ninguém a culpará se não o fizer, só a princesa pode fazer uma escolha tão importante.

Acenei com a cabeça.

– Eu sei. É por isso que é tão assustador.

– Dez segundos – indicou o diretor de cena.

O Gavril deu-me uma palmadinha no ombro.

– Estou aqui de todos os modos possíveis, Vossa Alteza.

– Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmara, tentando parecer calma quando a luz vermelha começou a brilhar.

– Bom dia, povo de Illéa. Eu, a princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para vos falar de alguns eventos recentes que tiveram lugar na família real. Mencionarei primeiro as boas notícias. – Tentei sorrir, mesmo, mas tudo em que conseguia pensar era no quão abandonada me sentia.

– O meu amado irmão, o príncipe Ahren Schreave, casou-se com a princesa Camille de Sauveterre, de França. Apesar de o momento desse casamento ter sido um pouco inesperado, isso de

modo algum diminui a nossa alegria pelo feliz casal. Espero que se juntem a mim para lhes desejar o mais feliz dos casamentos.

Fiz uma pausa. *Tu consegues, Eadlyn.*

– Passando para as notícias mais tristes, a minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Parei. Parecia que as palavras tinham criado uma barreira na minha garganta, fazendo com que me fosse cada vez mais difícil falar.

– O seu estado é crítico e ela está sob supervisão médica constante. Por favor, re...

Levei a mão à boca. Ia chorar. Ia perder o controlo na televisão e, considerando tudo o que o Ahren me tinha dito sobre o que as pessoas achavam de mim, parecer fraca era a última coisa de que precisava.

Olhei para baixo. A minha mãe precisava de mim. O meu pai precisava de mim. Talvez, de certa forma, até o país precisasse de mim. Não os podia desapontar. Limpando as lágrimas, continuei.

– Por favor, rezem para que ela recupere depressa, já que todos a adoramos e ainda dependemos da sua orientação.

Respirei. Era o único modo de passar de um momento para o seguinte. Inspirar, expirar.

– A minha mãe tem um grande respeito pela Seleção, o que, como todos sabem, levou ao casamento longo e feliz dos meus pais. Como tal, decidi honrar aquele que sei ser o seu desejo mais profundo e continuar com a minha Seleção.

»Devido ao stresse que se instalou na nossa casa nas últimas vinte e quatro horas, penso que o mais sensato será reduzir os meus pretendentes ao grupo da Elite. O meu pai reduziu o seu grupo a seis, em vez de dez, devido a circunstâncias excepcionais e eu fiz o mesmo. Os seis cavalheiros seguintes foram convidados a permanecer na Seleção: Sir Gunner Croft, Sir Kile Woodwork, Sir Ean Cabel, Sir Hale Garner, Sir Fox Wesley e Sir Henri Jaakoppi.

Estes nomes eram estranhamente reconfortantes, como se eu soubesse o orgulho que eles tinham neste momento e pudesse sentir o seu calor, ainda que à distância.